

Kamala e avalia ‘clima’ nos EUA

Perfil



PATRÍCIA COMUNELLO/ESPECIAL/JC

Nascido em Porto Alegre, **Fernando Brigidi** é formado em Administração Pública pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Ufrgs) e mestre em Gestão Pública pela New York University. Iniciou sua carreira no Brasil, atuando por mais de uma década em campanhas eleitorais municipais, estaduais e presidenciais, além de ocupar funções estratégicas em governos locais e estaduais entre 2003 e 2015. Especialista em política, relações institucionais e gestão pública, Brigidi atuou no gabinete do Ministério de Estado da Agricultura dos Estados

Unidos (EUA) em 2022 e 2023. Depois, foi diretor de engajamento público e relações institucionais do Gabinete da vice-presidente dos Estados Unidos, Kamala Harris, na Casa Branca, entre abril de 2023 e janeiro de 2025. Atuou nas campanhas presidenciais de Joe Biden e Kamala, além de iniciativas de governo em Nova York e Washington, trazendo uma visão global e conectada sobre liderança, democracia e engajamento político. É estrategista sênior atualmente da American Civil Liberties Union (ACLU).

24 horas do dia não é exagero. Cansamos de fazer reunião à 1h da manhã. Segundo, “cada decisão, cada memorando que fizemos impacta a vida de milhões de pessoas. Se fizermos a coisa certa, vamos gerar efeitos positivos na vida delas”. Isso me marcou, pois revela um senso de servir ao público. A vice-presidente mostrou uma resiliência muito forte. Ser uma mulher em um espaço desses não é fácil. Trabalhei nas campanhas de Buttigieg e Biden, dois homens. Muda a forma como a imprensa faz a cobertura. É minha percepção. Mas me impressionava muito a força dela.

JC - Como foi o dia da renúncia de Biden e a largada da campanha?

Brigidi - Nunca vou esquecer o dia em que o presidente tuitou que estava saindo. Ninguém sabia. Ele ligou para ela antes de postar. Tudo foi bem planejado para não vazar. Como a Kamala

seria virtualmente candidata - o que se confirmou -, começamos a nos preparar. Estava em Nova York e voltei imediatamente para Washington. Teve toda uma articulação para validar o nome dela. No ano anterior, a vice-presidente fez centenas de eventos e encontros ao redor do país. Esses contatos foram decisivos para legitimar a candidatura e para angariar apoios para ela rapidamente. Tudo que foi planejado para acontecer dentro de quatro anos virou realidade em um dia.

JC - Como foi trabalhar diretamente na campanha presidencial?

Brigidi - Na campanha, era responsável pelas viagens e pelos eventos dela e com ex-presidentes como Bill Clinton e Barack Obama e parlamentares como Sanders e Alexandria Ocasio-Cortez. Tínhamos desafios de público e alcance. Um dos momentos mais fortes foi o comício

que seria no mesmo local onde Trump discursou antes de 6 de janeiro de 2021, de invasão do Congresso. O que mais surpreendeu todo mundo foi que, após a saída do Biden, é que ela rapidamente se colocou como futura presidente. Ela foi incrível no primeiro debate com o atual presidente, tanto que ele cancelou os outros confrontos previstos. Os discursos de Kamala eram eletrizantes, movimentaram a base e geraram esperança.

JC - O que foi decisivo na derrota?

Brigidi - A derrota foi por 1,4 ponto. Talvez, se ela tivesse tido mais tempo de se apresentar, poderia ter tido mais chance. Também pesaram a questão da inflação e temas como imigração. Ela propôs medidas de mudança, mas também tinha o peso de ser governista. Teve o atentado a Trump, que também impulsionou a militância dele. No dia

seguinte à derrota, organizamos o evento em que a candidata se manifesta concedendo a vitória ao adversário. A Kamala chegou e discursou para milhares de pessoas, motivando para que não desistíssemos, que tempos difíceis marcam a nossa história como país. “Só quando está escuro, a gente consegue ver as estrelas. Vamos fazer com que todo o nosso time vire um bilhão de estrelas em um momento obscuro do país”.

JC - O que se pode esperar do futuro político dos EUA?

Brigidi - É importante manter uma coalizão ampla de pessoas que acreditam em valores progressistas e democráticos, priorizando pontos de convergência mesmo, que, em algumas pautas, haja divergência. É importante ter bastante atenção e visão crítica no que a população tem sentido, cuidando para não defender o seu lado de olhos fechados, como é comum em cenários polarizados. Em geral, as pessoas estão clamando por uma nova geração de políticos, com uma visão mais conectada com os jovens e com uma forma de se comunicar mais moderna. Após um ano de mandato do Trump, o que se tem visto é que muita gente votou nele com esperança de que ele focaria em inflação e indicadores econômicos que afetam o bolso da classe média. Mas a queda significativa da popularidade mostra que as pessoas não apoiam a crueldade com relação a imigrantes e o caos econômico que se vive com as tarifas.

JC - Qual é o clima político em Nova York para a gestão de Mamdani?

Brigidi - É de otimismo. Em geral, ele tem feito uma série de movimentos para criar um governo de coalizão ampla. Muita gente que tinha receio de alguma posições políticas dele tem se impressionado com as primeiras nomeações anunciadas.

Ele manteve a chefia de polícia, que é muito competente.

Anunciou também uma pessoa qualificada para a área de habitação, uma das suas principais promessas de campanha. O prefeito eleito foi muito competente em transformar a sua comunicação de campanha e plataforma política em algo acessível e eficiente. Existe uma série de fatores que levam a cumprir ou não promessas, mas o mais importante até agora foi

que ele criou uma forma de engajar o eleitorado que transformou a plataforma política em algo que todo mundo conseguia entender e se identificar.

JC - O fato de Mamdani não ter experiência anterior de gestão é uma fragilidade?

Brigidi - Acho que todos os políticos enfrentam desafios. Ele tem se cercado por algumas pessoas com muita experiência da máquina pública novaiorquina. O primeiro anúncio do time dele foi uma indicação de um vice-prefeito que é muito respeitado e experiente no governo municipal. Eu acho que a relativa falta de experiência dele o ajudou a enxergar todo o processo de campanha de uma maneira nova, jovem, inovadora, então isso pode acabar sendo um ponto positivo.

JC - Há semelhanças entre o momento político dos EUA e o brasileiro?

Brigidi - As últimas cinco eleições, considerando os pleitos nos dois países, mostram isso. O alto grau de pessoas respondendo pesquisas no Brasil dizendo que vão anular ou votar em branco é um sinal de alerta. O eleitorado pelo mundo hoje é mais jovem do que a maioria dos políticos. As pessoas também estão menos tolerantes à ineficiência do processo democrático, à corrupção, a congressos paralisados e à política polarizada. Tudo isso contribui para esse pêndulo ideológico e abre sempre o risco de candidatos pouco qualificados se elegerem. Mas também abre uma oportunidade enorme para candidatos mais jovens, com uma visão política mais centrada neste século e uma capacidade de se comunicar com o eleitor mais moderno.

JC - Como agem instituições como a ACLU?

Brigidi - Essas entidades têm muita força aqui e exercem muita pressão política. É um espaço que elas ocupam na sociedade que no Brasil não é tão forte. Nos EUA, elas são independentes e precisam ser para poderem pressionar as esferas de governo. Estou trabalhando em um time novo criado para combater abuso de poder. O presidente, assim como qualquer outro eleito ou cidadão, tem limites do que pode fazer, que são definidos pela lei. O atual presidente tem testado esses limites a todo tempo.